

1. RAÍZES

Em dois alentados trabalhos de Raimundo Girão⁽¹⁾ e Guilherme Girão⁽²⁾, está bem detalhada a linha genealógica que me liga ao primeiro dos Girões de Morada Nova, o português **Antonio Jose Girão**, do qual sou descendente (Qn. 1.028). O meu pai **Luiz Girão Carneiro**, mais conhecido como **Girão Carneiro**, sendo minha mãe **Vita Carneiro Grião**, chamada de **Jovem** pela maioria dos parentes e amigos, esta prima, em grau próximo, do marido.

Papai era filho de **Luiz Carneiro Girão (Luizinho)** e **Luzia Damasceno Girão (Lôza)**. Ele nasceu em 16. 08 1893, na Fazenda Palestina, propriedade do seu genitor, no lado norte do Rio Banabuiú, município de Morada Nova, Ceará.

Nascida em 14.06.1897, mamãe descendeu, junto com mais quatro irmãos, do primeiro casamento de **Quitéria Amélia Carneiro** com **Joaquim José Girão Filho**, do qual Quitéria enviuvou, vindo, posteriormente, a se casar com o Neco - apelido carinhoso do esmerado marceneiro **Manuel Vicente Nobre**. Deste último, houve outros: José, Luiz, Raimunda, João, Chiquinha, Cristina, Mário, Rosa Lira e Lucila.

Girão e Jovem se casaram em 25.02.1922, tendo passado a morar na Fazenda Queimada, alguns quilômetros, mata a dentro, da ribeira do Banabuiú, mudando-se depois para uma casa, no lugar Canto da Onça, a três Km daquele rio e a 9 Km, a oeste, do referido município, e, finalmente, para outra casa maior (Fazenda Nova Morada).



Papai e mamãe,
na calçada da sua casa,
Fazenda Nova Morada
(3)

Filhos: os que vieram e os que se foram

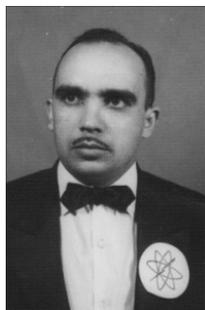
Mundita (Raimunda), a primogênita, pereceu, nos seus quinze anos de idade, em decorrência de complicação de malária.

Em intervalos de alguns anos, **outros seis** filhos vieram a falecer, de causas não determinadas, em tenra idade: Carmen, Ivanise, Helena, Rita, José e Neuda. Alguns, já sabidos o bastante para terem engendrado, com os pais e os irmãos sobreviventes, uma relação amorosa que, interrompida pela separação, deve ter sido muito dolorida.

Os quatro filhos mais velhos que sobreviveram (**Maria, Anésia, Luiz e Nilda, fotos**, a seguir, respectivamente) ^(3,4,5) tinham boa saúde e muito ajudaram aos meus pais na sua lida diária, inclusive em cuidar de mim, quando criança.



Dois primos – **Telésforo C. Neto, o Netinho e Francisco Sales, o Chico Sales, fotos**, a seguir, que haviam ficado órfãos dos pais, moravam com nossos avós paternos - Luiz Carneiro e Luzia, em casa bem próxima da nossa e eram, a bem dizer, nossos irmãos, pois participavam do dia a dia lá de casa.



Telésforo (6)



Fco Sales (7)

Minha irmã **Anésia** casou, relativamente cedo, com **Francy** – Fco. Vieira Barreto, de modo que não me recordo de ter convivido com ela, quando, ainda, solteira.

Quanto à **Maria**, me lembro, eu na primeira infância, do tempo em que ela ainda morava lá em casa, antes de se casar (com o **Fausto** Pessoa de Andrade). Consta que ela, então, me devotava grande carinho e, juntamente com Nilda, era de inestimável auxílio para mamãe, no cuidado comigo.

Minha chegada e os primeiros anos

Já nos seus 50's de idade, meu saudoso pai e sua *Jovem* (apelido da amada esposa - Vita Carneiro Girão, esta, também, já com 43 anos de idade) tiveram (em 18 de outubro de 1943) **José Eduilton** - o último dos seus doze filhos. Fim de rama. O nome - Eduilton - foi escolhido a partir da sugestão de Maria, minha irmã. O motivo do primeiro nome - **José**, poderia ser uma reverente homenagem ao santo padroeiro do nosso Estado - São José, mas parece que o foi em agradecimento à Proteção Divina, pelo fato de eu, nascido com o pescoço laçado pelo cordão umbilical, não ter vindo a perecer durante o trabalho de parto... É claro que um grande louvor é cabível, também, a quem assistiu e coordenou o parto, a experiente **Quitéria**, minha avó materna (**foto**, a seguir) (3).



Fui o primeiro filho a nascer na casa da **Fazenda Nova Morada**, construída, poucos anos antes e situada no lugarejo, extra-oficialmente chamado, de Canto da Onça o qual, por sua vez, integra a localidade

maior do Sítio Patos, no município de Morada Nova. A nossa casa tinha boa situação topográfica, com certo conforto para a família e distava nove quilômetros, a oeste, da sede do município e três quilômetros, ao norte, do rio Banabuiú (este o principal afluente do rio Jaguaribe).

A propósito de meu nome (**José** Eduilton), cabe lembrar que, lá no Sertão, os pais costumavam apor, antes da designação dos seus filhos, prenomes, tais como: José (Maria), Francisco(a), João, Antônio(a), Manuel etc.. Aqueles rebentos, porém eram, quase sempre, chamados pelo primeiro nome, seguido do nome do pai: Zé do Girão, Zé do Zelino, Zé do Zuca, Zé do Dorico, Zé do Mundico, Zé do Firmo etc., desprezando o segundo nome (no meu caso, Eduilton) o qual individualizaria, corretamente, o indivíduo.

O nascimento de um menino, lá em casa, se constituiu numa novidade, pois a filha mais nova, antes de mim, era a Nilda. Consta que eu era muito mimado pelas irmãs e os pais, sendo que, para papai, eu representava uma espécie de neto.

Minha saúde, na primeira infância, parecia frágil, talvez pelas severas restrições alimentares adotadas por mamãe, receosa de que eu viesse a ter a sina dos SETE outros filhos, falecidos em tenra idade. daquelas perdas, a dor maior deles deve ter sido, sem dúvida, a de Mundita (Raimunda), a primogênita, no verdor dos seus 15 anos, em consequência da malária, cuja epidemia, no sertão, então mais desassistido do que atualmente, ceifou muitas vidas.